

Milena Espinoza Maurtua

Mestranda em Artes Visuais – PPGAV

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Emails: emaurtua12@gmail.com

ORCID: 0009-0004-6048-6484

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9905300470842872>

Resumo:

O presente trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida com crianças da Educação Infantil a partir da obra “Abre Caminhos”, da artista Tatiana Rosa. O objetivo é refletir sobre o ensino da arte contemporânea na Educação Infantil sob uma perspectiva decolonial, compreendendo-o como um campo fértil para a valorização de narrativas, corpos e saberes historicamente silenciados. A fundamentação teórica apoia-se em autoras/es como Paiva (2022), hooks (2020), Vergès (2023), Góes e Rosa (2021). Metodologicamente, a pesquisa parte de uma prática realizada no contexto do Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil. A experiência evidenciou tensões provocadas pela presença de referências às religiões de matriz africana, revelando a urgência de aproximar a arte contemporânea dos contextos escolares desde a infância. Conclui-se que o pensamento decolonial constitui uma via potente para tensionar práticas pedagógicas hegemônicas e promover abordagens mais plurais, sensíveis e comprometidas com o combate às desigualdades, ainda que o processo de decolonização institucional siga um curso lento e desafiador.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Decolonialidade. Educação Infantil.

Abstract: This article reports a pedagogical experience developed with children in Early Childhood Education based on the art installation “Abre Caminhos”, by the artist Tatiana Rosa. The objective is to reflect on the teaching of contemporary art in Early Childhood Education from a decolonial perspective, understanding it as a fertile field for the appreciation of narratives, bodies, and knowledge that have been historically silenced. The theoretical foundation is supported by authors such as Paiva (2022), hooks (2020), Vergès (2023), Góes and Rosa (2021). Methodologically, the research draws on a practice conducted during the Supervised Curricular Internship in Art Education for Early Childhood. The experience revealed tensions provoked by the presence of references to African-based religions, highlighting the urgency of bringing contemporary art closer to school contexts from early childhood. It is concluded that decolonial thinking constitutes a powerful path to challenge hegemonic pedagogical practices and to promote more plural, sensitive, and committed approaches in the fight against inequalities, even though the process of institutional decolonization continues to

follow a slow and challenging path.

Keywords: Contemporary Art. Decoloniality. Early Childhood Education.

1 Introdução

Como promover, desde a Educação Infantil, práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem saberes, memórias e experiências historicamente silenciadas? De que forma a arte contemporânea, atravessada por perspectivas decoloniais, pode contribuir para a construção de uma educação mais plural, afetiva e comprometida com o combate às desigualdades? Quais tensões emergem quando se propõe o contato das crianças com referências afro-brasileiras em contextos escolares ainda marcados por práticas eurocentradas?

Partindo dessas inquietações, este artigo propõe reflexões sobre o ensino de arte contemporânea na Educação Infantil, com base em uma experiência desenvolvida em junho de 2023 na disciplina Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil, componente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação da Profa. Dra. Margarete Sacht Góes.

A experiência a ser relatada foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil em Vitória (ES), em colaboração com a estudante Paloma Rangel da Silva Pacheco. A linha condutora da proposta foi o contato com a obra “Abre Caminhos”, da artista Tatiana Rosa, apresentada na exposição “Mulheres artistas no acervo da Gaeu”, realizada na Galeria Espaço Universitário (Gaeu/Ufes).

A partir desse encontro, foi elaborado um recurso didático situado, que dialoga com memórias afetivas, repertórios visuais e a escuta sensível das crianças como caminhos para a criação artística e o fortalecimento de vínculos com suas próprias histórias e contextos.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, pautada em registros da experiência de estágio e nos referenciais teóricos da arte contemporânea e da decolonialidade, com base em autoras como Paiva (2022), Moura (2017), hooks (2020), Vergès (2023), Góes e Rosa (2021). Busca-se problematizar práticas pedagógicas ainda influenciadas por perspectivas eurocêntricas, refletindo sobre

como o ensino de arte contemporânea na Educação Infantil pode se tornar um espaço fértil para a valorização de narrativas, corpos e saberes historicamente marginalizados.

O artigo está organizado em quatro seções principais, após esta breve introdução. A primeira seção aborda os fundamentos teóricos da decolonialidade na arte contemporânea, com o auxílio de autoras que contribuem para repensar o ensino de arte na Educação Infantil. A segunda seção apresenta o contexto institucional da experiência e o encontro com a obra “Abre Caminhos”, da artista Tatiana Rosa, exibida na Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes). Na terceira seção, são descritas a proposta pedagógica e o material educativo elaborados a partir desse contato, com ênfase na escuta sensível das crianças, na valorização de suas memórias afetivas e repertórios visuais. Por fim, nas considerações finais, discutem-se os desafios e as potências dessa experiência, evidenciando como o cruzamento entre arte contemporânea e pensamento decolonial pode contribuir para práticas educativas mais críticas, plurais e sensíveis à diversidade na Educação Infantil.

2 Arte Contemporânea e Decolonialidade na Educação Infantil

Vivemos um momento em que o termo “decolonialidade” tem ganhado ampla visibilidade, sendo cada vez mais presente em textos curatoriais, espaços expositivos, produções acadêmicas, práticas educacionais, além de movimentos sociais, artísticos e políticos. Contudo, essa visibilidade não implica que as instituições que o adotam, como museus e escolas, estejam de fato engajadas em processos reais de decolonização, já que ainda persistem modos de operação segregadores e racistas, manifestados de diversas formas. Neste texto, o foco recai sobre a relação entre a decolonialidade, a educação e a arte, com ênfase especial na produção artística contemporânea e na Educação Infantil.

Para tanto, é importante destacar que, ao nos referirmos à decolonialidade, estamos tratando de um conceito que reconhece a persistência histórica da colonialidade como uma estrutura de poder que ultrapassa o fim formal do colonialismo. Como observa Paiva (2022, p. 27), “segundo o MCD (Grupo de pesquisa Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade), a

colonialidade é um sistema que sobreviveu ao colonialismo histórico, mantendo-se ainda na contemporaneidade como matriz das relações assimétricas de poder perpetuadas nos últimos séculos”. Trata-se, portanto, de uma lógica que não apenas permanece operante, mas que, conforme aponta a autora, constitui:

[...] uma estrutura que produz um padrão mundial de dominação social, política, cultural, econômica, simbólica e epistêmica, que parte da Europa para o resto do mundo, fundada durante o advento da colonização, alicerçada sobretudo na instauração artificial das categorias de raça e gênero e na divisão e exploração do trabalho que alimentam o sistema capitalista moderno (Paiva, 2022, p. 28).

Essa compreensão teórica oferece subsídios importantes para a análise da produção artística no Brasil dos últimos anos. Paiva (2022) identifica, no campo das artes brasileiras, uma verdadeira revolução em curso, que a denomina “virada decolonial”. A transformação em curso evidencia-se pelo avanço notável de produções poéticas que exploram, de forma interseccional, temas como raça, etnia, classe, gênero e geopolítica. As obras de arte associadas a esse novo momento sinalizam uma possível reconfiguração estrutural do sistema artístico contemporâneo, desafiando hierarquias históricas e modelos excludentes. Em paralelo, no campo da educação, especialmente referente às práticas pedagógicas em arte na Educação Infantil, observa-se um movimento similar, voltado à promoção das Relações Étnico-Raciais (ERER) sob uma perspectiva decolonial. Nesse sentido, Góes e Rosa (2021, p. 2) afirmam:

Somente por meio dessas discussões é que teremos possibilidades de contribuir para que os sujeitos que habitam as escolas a compreendam como um lugar desterritorializado, de desconstrução de narrativas hegemônicas, de negação à perpetuação de estigmas, e que leve as crianças a valorizarem suas histórias e referências culturais pessoais, em uma perspectiva decolonial. O conceito de decolonialidade propõe que vejamos a produção das narrativas histórico-culturais a contrapelo, ou seja, a partir do ponto de vista dos povos colonizados e que sofreram processos de aculturação de modo violento.

A articulação entre arte e educação evidencia o potencial transformador da decolonialidade enquanto prática crítica voltada à desestabilização de narrativas normativas, promovendo a construção de espaços mais plurais, tanto no sistema artístico quanto no contexto pedagógico. Dentre os diversos caminhos possíveis, este texto se propõe a explorar a incorporação da arte contemporânea no ambiente escolar, entendendo-a como um campo fértil de

produção estética e teórica que tem sido amplamente mobilizado por artistas engajados em temáticas socialmente relevantes. Questões como religião, territorialidade, raça, classe, etnia, gênero, nacionalidade, direitos humanos, ecologia, feminismo e direitos culturais emergem nas poéticas contemporâneas como dispositivos de crítica e reflexão.

Quando abordadas no contexto educacional, especialmente na Educação Infantil, por meio da linguagem artística, essas temáticas contribuem significativamente para a formação crítica e identitária das crianças. Nesse sentido, como afirmam Góes e Rosa (2021, p. 11), “a Educação Infantil, nos espaços de práticas de educação, deve ser tratada como um ‘trabalho de base’ que necessita ser considerado como fundamental para a constituição de sujeitos conscientes de sua história e das suas referências culturais”. Dessa forma, este estudo considera a arte contemporânea como um campo dinâmico que amplia as formas de expressão na escola e oferece um espaço para problematizar e reimaginar questões sociais complexas.

3 O Contexto Escolar e o Encontro com a Obra “Abre caminhos”

No ambiente escolar, manifestam-se desigualdades profundas que refletem sistemas históricos e globais de opressão, os quais permeiam diversas instituições e impactam diretamente as práticas educativas. Conforme ressalta Vergès (2023, p. 12.): “As desigualdades estruturais de raça, classe e gênero que existem no museu [e na escola] são o reflexo das desigualdades estruturais globais criadas pela escravidão, pela colonização, pelo capitalismo racial e pelo imperialismo”

No caso do CMEI em Vitória (ES), local onde foi realizada a experiência pedagógica que será abordada mais adiante neste texto, essas tensões tornam-se particularmente evidentes quando se considera o histórico institucional da unidade, haja vista o fato de que sua localização fragilizava os princípios constitucionais da laicidade da educação pública e influenciava diretamente as dinâmicas pedagógicas ali desenvolvidas.

Esse contexto se traduziu em um episódio de racismo institucional ocorrido em 2017, quando um painel de bonecas *Abayomi*, confeccionado por crianças e exposto no espaço da unidade, foi arbitrariamente removido sob a

alegação de combate a um “símbolo de macumba”. As bonecas, no entanto, são reconhecidas como símbolos da cultura afro-brasileira, da resistência negra e da ancestralidade feminina.

O ocorrido gerou mobilização por parte de educadores e movimentos sociais, que exigiram um posicionamento oficial da Secretaria Municipal de Educação (SEME) e reivindicaram a transferência da escola para um espaço laico. O caso evidenciou a fragilidade da aplicação da Lei 10.639/03 (Brasil, 2023) e de outras normativas municipais voltadas à valorização da história e cultura afro-brasileira, cuja efetividade ainda depende, majoritariamente, da iniciativa de professoras/es comprometidas/os muitas vezes silenciadas/os ou reprimidas/os (Adufes, 2017).

É precisamente nesse cenário educativo, marcado por disputas simbólicas e estruturais, que se insere a experiência pedagógica desenvolvida no âmbito da disciplina Estágio Curricular Supervisionado do Ensino da Arte na Educação Infantil. Essa disciplina integra a formação docente ao articular fundamentos teóricos e práticas pedagógicas por meio da leitura crítica de textos, do compartilhamento de vivências e da inserção em contextos reais de ensino.

Ao longo do semestre, foi desenvolvida uma proposta pedagógica em parceria com Paloma Rangel da Silva Pacheco, sob acompanhamento da professora regente de Artes. A construção do trabalho partiu da escuta atenta das crianças, da observação das dinâmicas cotidianas da escola e da turma do Grupo 5, além do eixo temático “Diversidade e Valores”, definido pela instituição educativa para o mês de junho.

A escolha por trabalhar com uma exposição de arte parte da importância de estabelecer conexões entre a escola e outros territórios de produção e fruição cultural, ampliando os repertórios das crianças e fortalecendo a presença da arte no cotidiano escolar. Nesse sentido, a proposta centrou-se na temática “Histórias das mulheres” e foi articulada em diálogo com a exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”, em cartaz na Galeria de Arte Espaço Universitário em 2023.

Inicialmente, previa-se uma visita à Galeria com a turma, mas, diante de limitações de mobilidade enfrentadas pela instituição, optamos por adaptar a proposta, trazendo elementos da exposição para o contexto da sala de atividades.

A exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”, conforme destaca seu texto curatorial (Carvalho, 2023), propõe uma reflexão sobre memória, visibilidade e multiplicidade nas narrativas artísticas. Com base em um acervo que reúne mais de duas mil obras, datadas de 1940 até os dias atuais, a curadoria evidenciou a produção de artistas mulheres, que representam 42% do total de artistas catalogados e são autoras de 37% das obras. A mostra articula obras de artistas capixabas e nomes importantes na cena nacional, destacando suas presenças e, simultaneamente, questionando suas ausências ao longo da história da instituição.

Organizada de forma rizomática, a exposição valoriza abordagens plurais e subjetivas da memória, buscando ativar lembranças a partir do encontro com as obras. Ao apresentar uma linha do tempo com recortes de exposições promovidas pela universidade ao longo de mais de quatro décadas, a curadoria chama atenção para a urgência de ampliar e diversificar os acervos institucionais, convocando reflexões sobre gênero, raça e representatividade no campo da arte contemporânea (Carvalho, 2023).

Dentre as exposições rememoradas na mostra “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”, destaca-se “Horizontes” (2013), por seu diálogo direto com as discussões desta experiência pedagógica. Esta, teve como proposta:

[..] uma reflexão acerca dos processos de construção de identidade individual e coletiva, reunindo trabalhos de quatro artistas negras que, através de narrativas e técnicas diversas, conduzem discussões sobre autoimagem, memórias afetivas e resistência. A mostra marca os 10 anos da lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, resgatando a importância da herança cultural e social negra na sociedade e nos espaços educacionais (Tintori; Megre; Reinholz, 2023, s.p.).

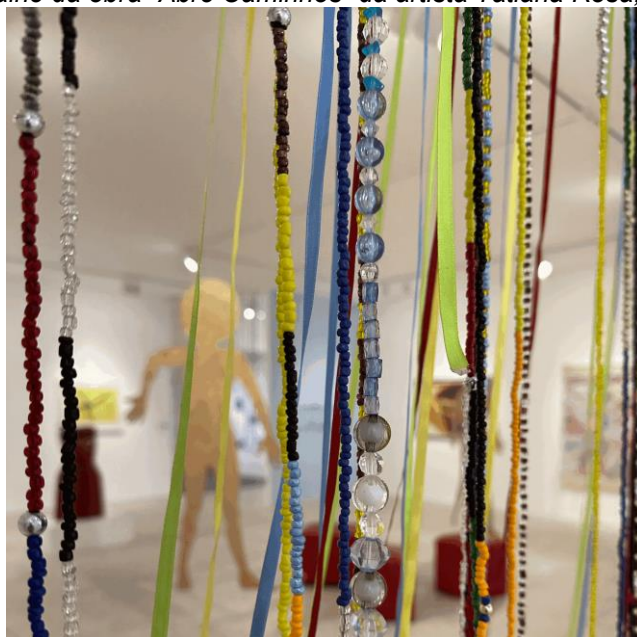
Três das artistas participantes de “Horizontes” também integraram a mostra “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”: Charlene Bicalho, Thaís Apolinário e Tatiana Rosa. Na série “(IR)removível”, Charlene Bicalho investiga a relação da mulher negra com o cabelo crespo enquanto elemento de memória e pertencimento, arquivando mechas em recipientes de vidro e registrando histórias em cadernos. Thaís Apolinário, por sua vez, desenvolve camadas de “peles” feitas com cola PVA e corantes, evocando ancestralidade e refletindo

criticamente sobre temas como escravidão, colonização e memória corporal (Tintori; Megre; Reinholz, 2023).

Dentre as obras apresentadas originalmente em “Horizontes” e retomadas na exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”, destaca-se “Abre Caminho”, de Tatiana Rosa, selecionada como foco da atividade pedagógica desenvolvida com o Grupo 5 da Educação Infantil. Essa escolha se fundamenta em diversos fatores: a materialidade sensível da obra, composta por fios de contas de diferentes texturas e cores; seu caráter interativo, que convida o público a atravessar o espaço instalado como uma cortina; e, principalmente, sua potência simbólica como expressão da identidade negra, da espiritualidade afro-brasileira e de práticas coletivas de resistência.

A força conceitual de “Abre Caminhos” está diretamente relacionada à trajetória da artista. Tatiana Rosa é licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet-RJ. Atua como artista, educadora e pesquisadora com ênfase no ensino da arte em diálogo com as relações étnico-raciais, desenvolvendo projetos em contextos escolares e não escolares. Sua atuação pedagógica, alinhada às epistemologias da equidade e da ancestralidade, fundamenta sua escolha nesta proposta não apenas como artista expositora, mas também como referência acadêmica para a construção deste artigo.

Imagem 01. Detalhe da obra “Abre Caminhos” da artista Tatiana Rosa, exibida na Gaeu.



Fonte: Elaboração própria.

A obra convoca reflexões sobre pertencimento e espiritualidade, utilizando os fios de contas como elementos simbólicos vinculados às religiões de matriz africana. Sua origem remonta a uma pesquisa de iniciação científica realizada pela artista entre os anos de 2007 e 2008, durante a qual investigou o uso desses elementos em contextos religiosos afro-brasileiros. Posteriormente, o trabalho foi expandido por meio da construção coletiva de fios, produzidos por pessoas de diferentes círculos de convivência da artista, a partir de seus repertórios de práticas espirituais e experiências afetivas, inspiradas pela filosofia Ubuntu.

A proposta da artista envolve diretamente o corpo e os sentidos, conforme indicado pela mediação expositiva da Galeria de Arte Espaço Universitário, que convida o público a uma experiência sensorial. O visitante é incentivado a tocar os fios presentes na obra “Abre Caminhos” com as mãos e, em seguida, atravessá-la, percebendo as sensações provocadas por esse percurso.

4 Proposta pedagógica e material educativo

Com a referência previamente selecionada e a intencionalidade educativa bem definida no projeto “Diversidade e valores: histórias das mulheres”, as atividades foram desenvolvidas em três momentos, propondo-se como uma sequência didática que uniu escuta, criação artística e construção coletiva de memórias.

No primeiro momento as crianças foram convidadas a assistir a um vídeo que apresentava a obra “Abre Caminhos”, bem como a conhecer informações sobre a artista Tatiana Rosa e sua trajetória. A partir dessa introdução visual e narrativa, foi promovido um contato inicial com os materiais presentes na obra: miçangas, contas e fios de nylon, com o intuito de aguçar a percepção tátil e a curiosidade das crianças. Questões instigantes orientaram a conversa: “Com que material vocês acham que essa obra foi feita?”, “Vocês já viram miçangas antes? Onde mais elas são utilizadas?”. Nesse momento, também foi apresentada a origem simbólica dos fios de contas e sua relação com as religiões de matriz africana, como parte do processo de valorização da cultura afro-brasileira. A obra foi apresentada como uma narrativa composta por histórias de pessoas importantes na vida da artista, o que levou ao questionamento: “E para vocês, quem são as pessoas importantes na sua vida?”.

Imagem 02. *Desenvolvimento atividade 1 (2023)*



Fonte: Elaboração própria.

Na sequência, foi realizada uma atividade inspirada nas propostas “Cartografias Afetivas” e “Varal de Memórias” (Material Educativo GAEU, 2023), presentes no material educativo da exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”. Essas referências orientaram a construção da atividade, que buscou valorizar as memórias e histórias das mulheres importantes para as crianças, incentivando a expressão afetiva por meio de registros escritos e visuais. Embora a atividade tenha sido adaptada para o contexto e o tempo disponível, o objetivo central permaneceu: criar um espaço coletivo de reflexão e visibilidade, onde as narrativas pessoais pudessem se conectar e fomentar o diálogo sobre memórias e afetos.

A conversa se voltou para a rememoração das mulheres que fazem parte do cotidiano das crianças, tanto no âmbito familiar quanto escolar. Foram lembrados nomes de professoras, cozinheiras, porteira, diretora e pedagoga, que passaram a compor o acervo da atividade seguinte. Essa valorização dos sujeitos que compõem a escola dialoga com as reflexões de Vergès (2023), que nos alerta para a necessidade de ir além da mera exposição de obras “decoloniais” ou da diversificação superficial do que é apresentado:

Não basta expor obras 'decoloniais' (quais seriam os critérios e quem os definiria?), diversificar o que é pendurado nas paredes, falar de preservação e conservação em um estado de guerra permanente contra subalternos e indígenas; temos de nos perguntar o que seria um 'pós-museu', isto é, um espaço de exposição e transmissão que leve em consideração análises críticas de arquitetura e história nas artes plásticas. É preciso criar um lugar onde as condições de trabalho daqueles/as que limpam, vigiam, cozinham, pesquisam, administram ou

produzem sejam plenamente respeitadas; onde as hierarquias de gênero, classe, raça, religião sejam questionadas (Vergès, 2023, p. 15).

Assim, a decolonização não pode ser reduzida a incluir obras “decoloniais” no currículo ou a diversificar conteúdos de forma superficial. É imprescindível questionar e transformar as estruturas institucionais que sustentam o ambiente escolar, reconhecendo que a verdadeira mudança envolve não só o que é exposto ou ensinado, mas também as condições materiais e sociais de todas as pessoas que atuam naquele espaço.

Isso implica garantir respeito pleno às condições de trabalho de quem mantém, vigia, administra, produz e media o ambiente educativo, além de desafiar as hierarquias de gênero, classe, raça e outras formas de opressão que se reproduzem cotidianamente. Essa abordagem aponta para diferentes possibilidades de avançarmos com os processos de decolonização que supere discursos vazios e promova transformações reais nos espaços de ensino e aprendizagem.

Diante dessas reflexões sobre a importância de reconhecer e valorizar todos os sujeitos que compõem o ambiente escolar, a atividade com as crianças seguiu na direção de trazer essas memórias para o espaço pedagógico. Cada criança foi convidada a produzir um cartão colorido com desenhos e palavras, expressando suas lembranças e histórias sobre as mulheres presentes em seu cotidiano. Esses registros foram preservados para compor uma instalação coletiva no encontro final, dando visibilidade às narrativas muitas vezes invisibilizadas e fortalecendo o sentido de pertencimento.

A terceira atividade foi dedicada à aplicação prática do material educativo “Fio de Contas”, que se tornou o ponto central da experiência coletiva. Este material é constituído por contas coloridas e miçangas, fio de nylon, configurando um jogo educativo pensado para turmas de até 20 crianças. O objetivo do jogo é promover a construção de um extenso fio de contas, no qual cada participante insere uma quantidade de contas enquanto compartilha uma história relacionada a uma mulher importante em sua vida. Este processo coletivo cria uma cartografia afetiva que conecta memórias, histórias e afetos, dialogando diretamente com a obra de Tatiana Rosa.

Imagem 03. *Desenvolvimento atividade 3 (2023)*



Fonte: Elaboração própria.

Durante a atividade, as crianças se sentaram em roda e, uma a uma, compartilharam suas histórias, inserindo as contas no fio de nylon com cuidado e atenção, o que também favoreceu o desenvolvimento da coordenação motora fina. Sobre a importância da contação de histórias, hooks (2020, p. 89) destaca que “contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula. Podemos compartilhar tanto fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudem a compreender uns aos outros”. Na narrativa das crianças, essa fusão entre histórias reais e imaginárias acontece com muita naturalidade, revelando a riqueza de suas experiências e a fluidez da imaginação no processo de aprendizagem.

Imagem 04. *Material educativo Fio de Contas (2023)*



Fonte: Elaboração própria.

Dando continuidade à proposta, os cartões com desenhos e escritos afetivos, bem como as fotografias das mulheres da escola, foram fixados ao longo do fio com o auxílio dos pregadores, compondo uma instalação simbólica que permaneceu exposta no “Corredor Criativo” da escola.

Verificamos que o “Fio de Contas” se mostrou um recurso didático potente, pois, além de incentivar a expressão oral e a escuta, promoveu um ambiente acolhedor que valoriza as memórias das crianças e das mulheres que as cercam. Como afirma hooks (2020, p. 100), “escutar a experiência pessoal uns dos outros em sala de aula promove uma atmosfera de cooperação e escuta profunda”.

Entretanto, ainda que a atividade tenha sido planejada com a participação da professora regente da turma, que, ciente da abordagem proposta, acolheu a iniciativa de forma positiva, e mesmo com a receptividade das crianças, o uso das miçangas e as referências às religiões de matriz africana no material educativo geraram certo desconforto para algumas pessoas o que evidencia a permanência de um ensino eurocêntrico nas artes visuais que ainda dificulta a legitimação de epistemologias e culturas negras no ambiente escolar. A situação revelou a complexidade e os desafios ainda enfrentados na construção de um currículo aberto à pluralidade religiosa e cultural.

5 Considerações finais

A experiência pedagógica desenvolvida no CMEI evidenciou a potência da arte contemporânea como dispositivo de escuta, memória e resistência em contextos escolares marcados por desigualdades históricas. Ao promover o diálogo entre a obra “Abre Caminhos”, de Tatiana Rosa, e as vivências das crianças, o projeto não apenas valorizou as epistemologias afro-brasileiras, mas também tensionou estruturas simbólicas que silenciam e deslegitimam essas culturas no cotidiano escolar.

Em consonância com as inquietações de Góes e Rosa (2021), o projeto suscitou uma reflexão fundamental: como andam, de fato, as ações pedagógicas voltadas para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na Educação Infantil? A resistência encontrada por parte de alguns profissionais ao uso de

elementos das religiões afro-brasileiras, como contas e miçangas, escancara o desafio de enfrentar o racismo institucional e o eurocentrismo ainda hegemônico no ensino das artes visuais.

Importa destacar, como aponta Françoise Vergès (2023), que “a decolonização não é uma postura; nenhuma instituição pode ser decolonial enquanto a sociedade não for decolonizada, e não existe museu [e escola] fora do mundo social que o criou” (Vergès, 2023, p. 39). Embora seja fundamental apresentar obras de caráter decolonial em sala de aula, é igualmente necessário pensar em mudanças estruturais no próprio modelo escolar que acompanhem as transformações sociais. Ainda que a presença crescente de artistas e teóricas/os envolvidas/os com temáticas e estéticas decoloniais ofereça repertório e suporte, o processo de decolonização institucional ainda avança lentamente.

Por outro lado, as respostas sensíveis das crianças, permeadas por afeto, curiosidade e envolvimento, revelam caminhos possíveis para uma escola mais plural e comprometida com o combate às desigualdades. Assim, a proposta reafirma a arte contemporânea como um campo privilegiado para a promoção de experiências significativas, capazes de articular memória, identidade e transformação social. Ela ecoa simbolicamente a força do “Abre Caminhos”: abrir, de fato, outras formas de ver, sentir e existir no mundo.

Referências

ADUFES. Ato contra racismo no Cmei Cida Barreto será nesta quinta (24). **Associação dos Docentes da Ufes**, Vitória, 23 ago. 2017.

CARVALHO, Ananda. **Mulheres artistas no acervo da Ufes**: texto curatorial. Vitória: Galeria de Arte Espaço Universitário, Universidade Federal do Espírito Santo, 2023. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/curadoria-1> . Acesso em: 02 set. 2025.

GÓES, M. S.; ROSA, T. G. Formação de professoras(es): ensino da arte para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 1–15, 2021. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2021v14n1.54031> Acesso em: 02 set. 2025.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.



Material educativo. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, 2023. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/material-educativo-3/>. Acesso em: 02 set. 2025.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru, SP: Mireveja, 2022. 240 p.

TINTORI, Danielly; MEGRE, Larissa; REINHOLZ, Ludiane. **Histórias das exposições – Anos 2010**. Galeria de Arte Espaço Universitário – GAEU, 2023. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/curadoria-1>. Acesso em: 02 set. 2025.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.